

A força visualística de Augusto dos Anjos¹

por *Guilherme de Figueiredo Preger*
(Mestrado em Literatura Brasileira - UERJ)

Em setembro de 1928, o poeta e crítico Medeiros e Albuquerque assim escrevia em sua coluna no *Jornal do Comércio*:

É forçoso, porém, abrir exceções para obras póstumas de autores notáveis, muitas delas acrescidas com trabalhos inéditos. Este foi o caso de Raul de Leoni; este é agora o de Augusto dos Anjos, cujo livro representa o mais espantoso sucesso de livraria dos últimos tempos: três mil volumes escoados em quinze dias!

O livro de Augusto dos Anjos é talvez o mais estupendo da literatura brasileira... [ALBUQUERQUE. in ANJOS: 1994]*

Aquela era de fato uma marca espantosa e inédita. Ainda naquele ano de 1928 mais três edições de *EU E OUTROS POEMAS* seriam lançadas.

Estávamos em pleno modernismo, entre as mais variadas polêmicas a respeito do futuro das letras nacionais. No entanto, fora críticos isolados como Medeiros, Agripino Grieco e Gilberto Freyre (que já em 1924 havia publicado um texto em inglês para sua faculdade em Boston) e um público anônimo alheio às discussões literárias, mas ávido por uma poesia que lhes dissesse algo sobre suas vidas, ninguém mais reparara no livro daquele poeta esquisito, original e insuspeitavelmente moderno.

Augusto tem sido colocado entre os pré-modernistas, mas o poeta não influenciou o modernismo. Nenhum dos modernistas de primeira hora o leu. Manuel Bandeira só fala dele em 1944. Mesmo a famosa "lua diurética" de Drummond, termo bem *augustiniano*, é antes um reflexo de seu passado farmacêutico do que leitura do poeta paraibano.

Foram os escritores modernistas do nordeste, Gilberto Freyre, José Américo de Almeida (que escreve sobre Augusto em 1917), José Lins do Rego e mais tarde, Jorge Amado, os primeiros a admirarem e admitirem as inovações poéticas radicais que a poesia de Augusto trazia. Eles, e mais um

* O autor optou por não colocar a referência da página em nenhuma de suas citações. (N. do E.)

grande público anônimo, viram naquelas metáforas sinistras mas precisas a própria decadência de suas vidas, fomentada pela crise da economia canavieira. Ninguém antes na literatura brasileira- fora Euclides da Cunha- havia descrito de maneira tão comunicativa e direta as agruras da vida severina do nordestino em geral.

De lá para cá, 32 edições de EU e outras tantas reuniões de sua poesia foram lançadas, tornando Augusto o poeta mais editado no Brasil. Já foi publicada a Obra Completa, em capa dura e papel bíblia, o que significa a sua consagração nos meios estabelecidos de nossas letras. Nesta edição há uma coletânea (incompleta) de críticas literárias a respeito da obra ao longo das décadas. Acompanhando as críticas, podemos compreender como sua poesia foi recebida por nossa elite intelectual.

Augusto dos Anjos foi o mais publicado e o menos compreendido dos poetas do século. Em todas as críticas, mesmo nas mais elogiosas há sempre reservas e restrições. É comum se dizer que a obra é genial, apesar disto ou daquilo. Álvaro Lins, por exemplo, é o primeiro a atestar-lhe a legítima modernidade: “Ele é entre todos os nossos poetas mortos, o único realmente moderno, com uma poesia que pode ser compreendida e sentida como a de um contemporâneo”. Em seguida, no entanto, o crítico denuncia severamente o poeta:

Ele tem com efeito duas faces: a do autêntico poeta e a do poeta vulgarmente sensacional, a do artista com uma enorme riqueza de pensamento e sensibilidade, e a do artificial, com gritante roupagem de uma precária terminologia científica. Encontramos o mais puro valor literário, e o mais horrendo mau gosto.[...]. Há, assim, dois Augusto dos Anjos, e infelizmente o mais amado e sentido pelo grande público é o menos apreciável [LINS, A. in ANJOS: Op. Cit.]

Este julgamento se repetirá em textos de muitos outros críticos que, entre os mais apaixonados elogios, alertam para o irremediável “mau gosto” do poeta. Também o fenômeno de sua popularidade tem sido mal entendido, como demonstra o trecho final de Álvaro Lins. Um confesso fã do poeta, Otto Maria Carpeaux, emitirá anos mais tarde uma observação parecida:

A abundância de estranhas expressões científicas e de palavras esquisitas em seus versos atraíu os leitores semicultos que não compreenderam nada de sua poesia e ficavam, no entanto, fascinados pelas metáforas de decomposição em seus versos, assim como estavam em decomposição suas vidas [CARPEAUX, O. in ANJOS, A.: 1978]

É verdade: as metáforas geniais da Augusto fascinaram todos, não apenas os “semicultos”, que compreenderam muito mais de sua poesia do que se pode estimar. O sucesso do “Poeta do Hediondo” vem menos de suas esquisitices histriônicas do que da sua capacidade inigualável de se comunicar com auxílio das mais vigorosas e precisas imagens poéticas da literatura em língua portuguesa.

Dois fatores principais costumam ser associados à popularidade do poeta. Em primeiro lugar, o aspecto exótico ou extravagante de seu vocabulário científicista, o uso de expressões esdrúxulas que corresponderia bem a um gosto *kitsch* do público em geral; o poeta seria um exemplo de um pernosticismo intelectual ou no resumo de Otto Maria Carpeaux: “a personificação de uma fase especialmente infeliz da evolução intelectual do Brasil, mistura incoerente de uma cultura ou semicultura bacharelesca, ávida por novíssimas novidades científicas, mal assimiladas, ...” [idem]

O outro fator seria a emotividade sincera e eloquente do “Poeta da Morte”, o poeta lúgubre que teria descrito com versos sinistros sua ruína pessoal de jovem minado pela tísica, doença que o teria tornado obsedado pela morte, pelo sangue (“a cor do sangue é a que mais neste mundo me persegue”), pelos aspectos mais tétricos e patológicos da existência. Este foi o viés pelo qual durante muito tempo se entendeu a poesia de Augusto. Até Gilberto Freyre, crítico perspicaz, analisou sua poesia pelo ângulo da doença física:

...seu “eu” pouco mais foi do que um conjunto de impressões e idéias de um mundo sentido e considerado através de órgãos doentes, de um sistema nervoso de tísico, olhos arregalados e de olfato e ouvidos aguçados pela tísica e pela falta de sono [FREIRE, G. in ANJOS, A.: 1978]

Os dois fatores citados, no entanto, não explicam, antes escondem, a razão do sucesso da poesia de Augusto dos Anjos.

De início, Augusto não foi o único poeta a se aproximar de uma temática cientificista. Foi já no parnasianismo que surgiu esta tendência, através dos cultores da Idéia Nova, que era o realismo naturalista aplicado à poesia, e da Escola de Recife, de Tobias Barreto, escola que certamente Augusto conheceu e frequentou. Eles defendiam o ideal de uma poesia científica, objetiva, contra o lirismo excessivo dos românticos. Foram exemplos poetas como Martins Júnior (que escreveu "Poesia Científica"), Sílvio Romero, Carvalho Júnior (que escreveu versos como "Odeio as virgens pálidas, cloróticas", ou "Raquíticos abortos do lirismo", versos que poderiam ter saído de Augusto), além de Teófilo Dias e Fontoura Xavier. Também não faltaram, à época do autor de EU, poetas pedantes, adeptos das expressões extravagantes e malabarismos verbais.

É verdade que nenhum deles chegou aos extremos do poeta paraibano. Mas não foram certamente versos como os das estrofes seguintes que o tornaram popular:

Vinha, às vezes, porém o anelo instável
De, com o auxílio especial do osso masséter
Mastigando homeoméricas neutras de éter
Nutrir-me de matéria imponderável.

Anelava ficar um dia, em suma,
Menor que o anfióxus e inferior à tênia,
Reduzido à plastídula homogênea,
Sem diferenciação de espécie alguma.

Versos como estes acima não devem ser entendidos isoladamente. Estas duas estrofes pertencem a um dos mais terríveis poemas de nossa literatura, "Os Doentes", onde as metáforas mais pavorosas criam um clima mórbido adequado à temática. Augusto é um grande criador de atmosferas, o que tem a ver com sua habilidade de expressão patética. Nunca precisamos recorrer a um dicionário para entender sua poesia.

Além do mais, os versos finais de cada estrofe, claros e simples, fornecem a chave para se decifrar o que fora dito antes.

Unir um vocabulário bizarro com expressões coloquiais é um procedimento típico do poeta, e uma forma de desmistificar sua própria escolha "científica". Leia-se a estrofe de "As Cismas do Destino":

Em vão, com a bronca enxada árdega, sondas
A estéril terra, e a hialina lâmpada oca,
Trazes, por perscrutar (Oh! Ciência louca!)
O conteúdo das lágrimas hediondas.

O grito coloquial "Oh! Ciência louca!" cortando bruscamente a quadra, parece fazer pouco caso tanto da ciência, como da linguagem "difícil". Parece também carregar um certo tom jocoso que pode nos ajudar a perceber outro aspecto de sua poesia.

Uma questão mais delicada em relação a Augusto é a sua suposta sinceridade. Atribui-se a força pungente de seus versos à sinceridade desmedida com que expôs sua vida sofredora de tísico, marcado pela melancolia e obsessão com a morte. Augusto seria assim o último grande poeta romântico e sua morte aos 30 anos (que alguns diminuem para 29) apenas confirmou esta hipótese.

Mas como sabemos que *O poeta é um fingidor*, é preciso lançar um olhar cético a toda desmedida sinceridade de poetas. Com relação à sua doença, por exemplo, um crítico, José Oiticica, que o conheceu pessoalmente, relata:

Nunca me falou em doença, jamais o vi doente. Referiu-me apenas uma neurastenia antiga, passada inteiramente e seguiu para Leopoldina por necessidade pecuniária; foi dirigir uma casa de instrução. [OITICICA, J. in ANJOS, A.: 1978.].

Augusto dos Anjos não morreu de tuberculose, mas de pneumonia. Foi casado e teve filhos. É certo que conheceu a penúria, mas terminou como diretor de um grupo escolar.

Não se trata aqui de dizer que Augusto não foi o sofredor, "O Poeta da Morte e da Melancolia", "O doutor Tristura", como era conhecido.

Provavelmente sofreu muito, e mais do que se pode imaginar. Mas não é o seu sofrimento pessoal que garante a qualidade de seus versos.

Na verdade, costuma-se associar o caráter desmesurado e barroco de sua poesia aos arroubos irreprimíveis de sua sensibilidade doentia e nervosa. Ou seja, o que há de excessivo em seus poemas é explicado (e desculpado) por um suposto descontrole emocional que se exprimiria por bizarrices, mas que nos seus melhores momentos atingiria as alturas da poesia autêntica. Até Manuel Bandeira teve do poeta opinião semelhante ao escrever que seus poemas mais longos começavam calmos, mas depois endoideciam, sendo produzidos “aos estampidos” [BANDEIRA, M.. in ANJOS, A., Op. Cit.]

Uma análise rigorosa de sua carpintaria poética, como as realizadas por M. Cavalcanti Proença²² e Ferreira Gullar³³, mostra que, ao contrário, Augusto foi um poeta consciente de seus meios de expressão. Era um grande criador de versos, um virtuose com talento parnasiano.

Mas o que parece confirmar de vez sua lucidez poética é a presença de certos versos que devem soar muito estranhos, em meio a tantos versos estranhos, aos cultores da poesia “sinceramente” dolorida do “Poeta do Hediondo”:

Tome, Dr. esta tesoura, e ... corte
minha singularíssima pessoa.

...

Ah! Um urubu pousou na minha sorte
 (“Budismo Moderno”)

Chegou-me o estado máximo da mágoa!
Duas, três, quatro, cinco, seis e sete
Vezes que eu me furei com o canivete,
A hemoglobina vinha cheia de água

Há mais filosofia neste escarro
Do que em toda moral do cristianismo
 (“Cismas do Destino”)

E nua, após baixar ao caos budista
Vem para aqui, nos braços de um canalha,

Porque o madapolão para a mortalha
custa 1\$200 ao lojista!
 (“Os Doentes”)

Deixa-te estar, canalha, que eu me vingó!
 (“Poema Negro”)

Difícil ao ler estes versos, escolhidos entre muitos outros semelhantes, não perceber um tom de deboche, de ironia por trás deles. É como se Augusto risse, não do sofrimento dos outros ou da tragédia da vida, mas de seus próprios versos, de sua própria máscara. Esta é uma face pouco estudada do poeta, sua capacidade para o humor negro. O crítico Fausto Cunha foi o primeiro⁴⁴ a chamar atenção para tal aspecto em sua obra, e a classificá-lo na família dos grandes cultores do humor negro, como Tristan Corbière, Jules Laforgue, Lautreamont, Alfred Jarry. Segundo o crítico sua obra seria uma grande paródia do parnasianismo em seu próprio terreno - os sonetos, o decassílabo, o gosto pelas sínéreses e diéreses, a estética naturalista - levando o verso parnasiano às últimas consequências.

O humor é inimigo do sentimentalismo e indica no poeta um alto grau de auto-crítica e consciência. Uma vez percebido este traço em sua poesia, não se pode mais ler Augusto como um poeta ingênuo, um ultra-sentimental excêntrico, escritor de bizarrices, mas como um artista provocador no domínio de seu trabalho. E ainda o coloca de vez na modernidade, pois a ironia, o humor são marcas registradas da estética moderna. Basta se lembrar dos modernistas brasileiros e gosto pela paródia e pelo poema-piada.

Por outro lado, o tom de Augusto não é o da galhofa modernista, mas o do horror macabro. Augusto está mais próximo neste sentido de um outro poeta da morte, João Cabral de Melo Neto. Ferreira Gullar⁵⁵ já analisou semelhanças e diferenças nestes dois poetas da morte e vida severina, mas não abordou este aspecto particular. Tomemos, por exemplo, um poema da série “Congresso no Polígono das secas” em que João Cabral escreve sobre os “cemitérios gerais”, metáfora para o enorme latifúndio de morte que se transformou o sertão:

- Cemitério gerais
onde não só estão, os mortos.
- Eles são muito mais completos
do que todos os outros.
- Que não são só depósito
da vida que recebem, morta.
- Mas cemitérios que produzem
e nem mortos importam.
- Eles mesmos transformam
a matéria-prima que têm.
- Trabalham-na em todas as fase
do campo aos armazéns.
- Cemitérios autárquicos,
se bastando em todas as fases.
- São eles mesmos que produzem
os defuntos que jazem.

Todos os poemas dessa série tem o mesmo tom irônico e jocoso em que Cabral desmistifica o lado sério e fúnebre da morte. Também Augusto se refere à morte, “esta carnívora assanhada”, da mesma maneira desabrida:

Porque a morte, resfriando-vos o rosto
Consoante a minha concepção vesânica,
É a alfândega, onde toda vida orgânica
Há de pagar um dia o último imposto

A química feroz do cemitério
Transformava porções de átomos juntos
No óleo malsão que escorre dos defuntos,
Com a abundância de um geysir deletério

Ainda na mesma série de poemas de Cabral há outro trecho para comparação:

- Nestes cemitérios gerais
os mortos não tem o alinho
de vestir-se a rigor
ou mesmo de domingo.
- Os mortos daqui vão despídos
e não só da roupa correta

- mas de todas as outras,
mínimas, e etiquetas.
- Das poucas que se exigem
para se entrar em tal serão,
mortalha, para todos
e rede aos sem caixão.
- Por isso é que sobram de fora,
sem entrar nos salões da terra,
entre pedras, gravetos,
no sereno da festa.

Enquanto em Augusto podemos ler:

E nua, após baixar ao caos budista,
Vem para aqui, nos braços de um canalha,
Porque o madapolão para a mortalha
Custa 1\$200 ao lojista!

Os dois poetas fazem da morte uma caricatura grotesca que contrasta com a banalidade da sua ocorrência no Nordeste, tema, aliás, que marca toda a poesia de ambos. No entanto, a função desta via humorística é diferente em cada um. Enquanto em Cabral, o humor é seco e áspero, e serve a uma sátira impiedosa, mas com um ar de indiferença, no poeta paraibano, o humor macabro faz parte de toda uma encenação patética. João Cabral parece escrever sempre de longe, numa sátira crítica de distanciamento. Augusto como poeta, ao contrário, assume o grande palco da miséria orgânica. No poema “Os Doentes”, ele se imagina dentro de um cemitério caminhando entre defuntos e participando de uma ceia macabra:

Os defuntos então me ofereciam
Com as articulações das mãos inermes,
Num prato de hospital, cheio de vermes,
Todos os animais que apodreciam!

Eu devorava aquele bolo frio
Feito das podridões da Natureza.

Há um sentimento de solidariedade em Augusto que toma conta de toda sua poesia, “Uma vontade absurda de ser Cristo/ Para sacrificar-me por

todos os homens!"; não só pelos homens, mas por todos os seres mesmo os mais insignificantes ou repulsivos:

Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
E o animal inferior que urra nos bosques
É com certeza meu irmão mais velho.

É um poeta eloqüente. Talvez o mais eloqüente desde Castro Alves. Este empresta um tom de indignação ao seus versos e os escreve como se os declamasse sobre uma tribuna no meio da praça. Augusto, por sua vez, está vestido de "hidrogênio incandescente", observando a miséria terrena das "monotonias siderais", e dá um tom tragicômico aos seus versos, transformando seus poemas em pequenos trechos dramáticos, esquetes teatrais, monólogos de um bufão triste, um *clown shakespeareano* ("Eu puxava os cabelos desgrenhados/ Como o rei Lear, no meio da floresta") num imenso palco de Morte, Doença e Miséria, cercado por uma multidão de seres- homens, mulheres, animais, vegetais, micróbios, vermes, moneras – seres mudos compartilhando da tragédia da desagregação orgânica.

É notável o domínio do patético em sua poesia. Atualmente, o patético é confundido com o *kitsch*. Mas em Augusto, tem um uso determinado. É uma estratégia que o aproxima do leitor. Já Aristóteles⁶⁶ dava especial atenção ao uso do patético nos discursos, com objetivo de persuasão e atuação sobre as paixões dos ouvintes. É sobretudo uma escolha de expressão coerente com todo seu universo. Patético vem de pathos, palavra grega que também nos deu paixão e patológico, termos que caracterizam bem sua poesia.

Emil Staiger em seus *Conceitos Fundamentais da Poética*, diz que um dos objetivos do patético é lutar contra o status quo, é demonstrar que a situação não pode continuar como está. O povo nordestino que o consagrou entendeu perfeitamente sua mensagem.

Se o aspecto patético distancia Augusto de João Cabral, o gosto pela imagem concreta, o uso de um verso plástico, aproxima novamente os dois poetas nordestinos. Neles as imagens são funcionais e se prestam a um objetivo de comunicabilidade. O poeta pernambucano não raro compara sua

poesia à pintura e diz que seu intuito é "dar a ver", poesia feita para os olhos mais que para os ouvidos. Num ensaio antigo e pouco lido, "Da função moderna da poesia"⁷⁷, João Cabral faz uma crítica à poesia moderna em sua preferência pela expressão em oposição à comunicação. A pesquisa formal do poeta moderno se prestaria a uma procura de expressão original e pessoal que acabaria num individualismo herdado da tradição romântica. Segundo Cabral, o poeta moderno freqüentemente esquece sua contraparte, o leitor, na ânsia de encontrar sua própria voz, daí o hermetismo e o caráter polimórfico da poesia deste século. O autor de *Morte e Vida Severina* defende as normas e regras poéticas como formas de tornar o poema um veículo comunicativo adaptando problemas poéticos pessoais às exigências de comunicação. O gosto pelo verso medido, o caráter regular de suas estrofes, a clareza e concretude de suas metáforas, a preferência pela hipotaxe, demonstram a preocupação de Cabral com relação à recepção do poema. Infelizmente este tem sido um aspecto em sua poética negligenciado pela crítica, uma vez que bate de frente com as noções de hermetismo e fragmentação que a teoria literária atribui à poesia contemporânea.

Sem, talvez, o mesmo nível de consciência crítica mas com uma necessidade interior de se comunicar com seus semelhantes, a poesia de Augusto apresenta as mesmas características citadas da poesia de Cabral. Sobretudo, ele foi um grande criador de imagens poéticas, as mais fortes de nossa literatura, e que impressionam pelo que têm de clareza, concretude e cotidianidade. Praticamente todas as suas estrofes se desenvolvem em torno de uma imagem central, de modo que cada poema é basicamente uma sucessão vertiginosa de imagens, que compõem uma atmosfera, no todo coerente, numa antecipação genial da técnica cubista e depois surrealista de superposição imagética. Os exemplos são inumeráveis. Vamos citar apenas alguns exemplos entre os preferidos:

Tal uma horda feroz de cães famintos
Atravessando uma estação deserta,
Uivava dentro do eu, com a boca aberta,
A matilha espantada dos instintos
("Cismas do Destino")

Como uma cascavel que se enroscava
A cidade dos lázaros dormia...
("Os Doentes")

Pois minha mãe tão cheia daqueles
Carinhos com que guarda meus sapatos
("Gemidos de Arte")

Reúnam-se em rebelião ardente e acesa
Todas as minhas forças emotivas
E armem ciladas como cobras vivas
Para despedaçar minha tristeza
("Gemidos de Arte")

A passagem dos séculos me assombra,
Para onde irá correndo minha sombra
Nesse cavalo de eletricidade?!
("Poema Negro")

O coração do poeta é um hospital
onde morreram todos os doentes
("Queixas Noturnas")

A lua magra, quando a noite cresce
Vista, através do vidro azul parece
Um paralelepípedo quebrado
("Tristezas de um Quarto Minguante")

Como um ladrão sentado numa ponte
Espera alguém, armado de arcabuz
Na ânsia incoercível de roubar a luz
Estou à espera de que o sol desponte
("Queixas Noturnas")

Esta última belíssima estrofe abre espaço para mais uma reflexão. Augusto é costumeiramente reconhecido como um poeta lunar, noturno, mas uma nostalgia do sol atravessa sua poesia, um desejo de luz e claridade: "Gosto do sol ignívomo e iracundo"; "Sol brasileiro! Queima-me os destro-

ços!". Sua poesia é lúgubre, mas nunca obscura. Uma luminosidade radiante escapa daquelas imagens extraordinárias. Com elas o poeta solitário, esquisito, maníaco, leitor compulsivo das filosofias mais pessimistas, encontrou uma válvula de escape; sem elas o poeta ficaria fechado em uma atmosfera asfíxiante de hermetismo; por elas os leitores podem entrar em um mundo imaginário de morte e doença com a certeza de que poderão sair, e enriquecidos. Suas metáforas são como janelas abertas que deixam penetrar um vento de esperança e a luz da compreensão.

Este poeta é, aquele homem foi, movido por um sentimento maior de comunhão e comunicação. Ele não quer "Ser cachorro! Ganir incompreendidos verbos"; ele roga pragas contra o "Mulambo da língua paralítica"; ele quer ser a voz de quem não tem voz contra os "canalhas do mundo"; sua solidariedade engloba até as mais ínfimas criaturas, as "subjetividades sofredoras", que ele sabe, todas, condenadas à mesma desgraça. Curiosa e paradoxalmente o autor de EU foi o menos egoísta de todos os nossos poetas.

NOTAS:

1. "Com a força visualística do lince" é um verso do poema **As Cismas do Destino**. Todos os versos de Augusto transcritos neste trabalho pertencem a edição da *Obra Completa* publicada pela Nova Aguilar (ver bibliografia).
2. PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Augusto dos Anjos e Outros ensaios**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
3. GULLAR, Ferreira. **Augusto dos Anjos ou Vida e Morte Severina**. in: ANJOS, Augusto. *Toda a Poesia*. 2 ed. Paz e Terra.
4. CUNHA, Fausto. "Salvo pelo povo". in: ANJOS, Augusto. *Op.cit*
5. GULLAR, Ferreira. *Op. cit*.
6. ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Ed. Tecnoprint./s.ed./ /s.d./.

7. MELO NETO, João Cabral. **Da função moderna da poesia.**
in: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANJOS, Augusto. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. **Toda a Poesia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Trad. Antônio Pinto de
Carvalho. Ed. Tecnoprint. S/I: s/ed., s.d.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e Vida Severina**. 11 a.ed. Rio de Janeiro:
José Olympio, 1979.

_____. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994

STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. 2a. ed. Rio de Janeiro:
Tempo Brasileiro, 1993.